

LEROY 01

MARAVILHA DA RELOJOARIA



ESTÓRIAS DUMA HISTÓRIA

Américo Henriques

A história do Leroy 01 começa, normalmente, pela evocação de um ou dois dos seus mais eminentes antepassados. De modo genérico, refere-se que em 1867, a casa parisiense então denominada “*Le Roy & Fils*”¹ expôs um relógio extraordinário, dotado de **9 complicações**, que impressionou vivamente os grandes amadores e colecionadores da época. Entre eles, um rico conde moscovita, Nicolas Nostitz, marcou posição ao encomendar à mesma casa uma peça ainda mais extraordinária, comportando **11 complicações**, que viria a ser objeto de grande admiração na Exposição Universal de 1878, em Paris.

Por morte do abastado russo, este relógio foi adquirido, em 1896, pelo multimilionário e grande colecionador português, António Augusto de Carvalho Monteiro, que logo lhe mandou fazer uma nova caixa em ouro personalizada ao seu estilo.

O notável Carvalho Monteiro, que nascera no Rio de Janeiro em 1848, era cognominado “Monteiro dos Milhões”, epíteto já herdado de seu pai que amealhou uma fortuna colossal no Brasil à custa, sobretudo, de monopólios no comércio do café e das pedras preciosas.

Inteligente e curioso, Carvalho Monteiro cedo veio para Portugal, tendo-se doutorado em Leis na Universidade de Coimbra ainda muito jovem, granjeando progressivamente uma aura quase mítica devido ao seu idealismo, à incomensurabilidade da sua fortuna e ao rigor das suas coleções.



Palácio da Regaleira, a “Mansão Filosofal” idealizada por Carvalho Monteiro. Carvalho Monteiro, colecionador apaixonado e rigoroso.



Insatisfeito com as performances do relógio que comprara, face ao que sabia já existir, encomendou de imediato outra peça única que “reunisse todos os dispositivos que a ciência e a mecânica então permitissem integrar num relógio portátil”. Após detalhada correspondência e estudos concomitantes, a agora designada “L.Leroy & Cie”, admite ser impraticável dar resposta a alguns quesitos como os eclipses, as marés e os segundos fulgurantes (*foudroyantes*). Lamentando tais exclusões, Carvalho Monteiro dá a ordem de execução em Janeiro de 1897, prontificando-se para o efeito a avultados adiantamentos pecuniários.

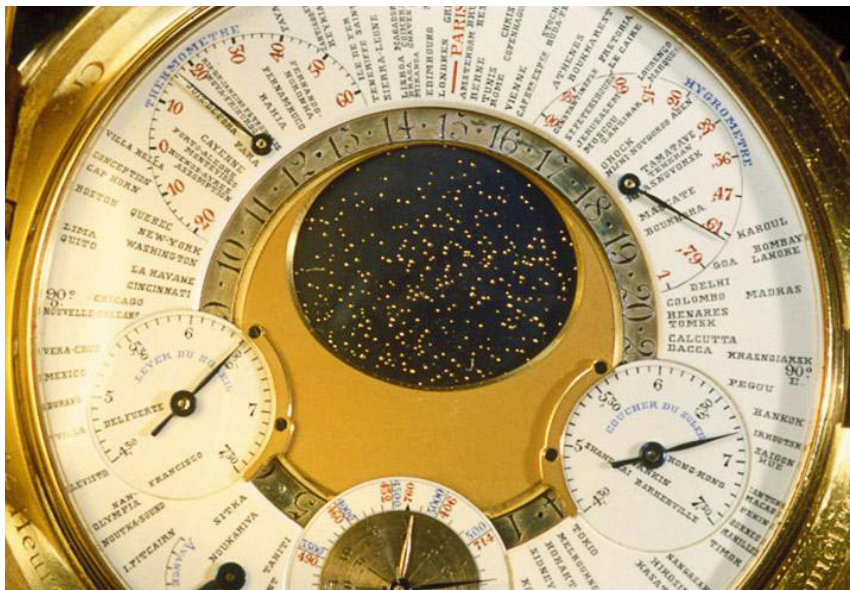
O fabuloso maquinismo do Leroy 01, sem dúvida o mais complicado do mundo nessa altura e durante mais 90 anos, foi concebido e manufaturado na Vallé de Joux por uma equipa de geniais relojoeiros, liderada por Charles Piguet (1864–1947) e constituída por John-César Piguet seu pai, Léon Aubert, Ulysse e Marcel Capt. Este quinteto de magníficos artesãos concluiu o inédito “*ébauche*” em apenas 18 meses.

Tal maquinismo constituído por 975 peças, distribuídas por 4 andares, comporta **24 complicações**, embora este número possa variar consoante os critérios de classificação. As artes finais tiveram lugar nas oficinas Leroy em Besançon², sendo executadas e dirigidas por outro exímio relojoeiro suíço, M. Junod, também ele “valdense”³, mas oriundo de Sainte Croix.

O IMPRESSIONANTE ELENCO DAS COMPLICAÇÕES E DISPOSITIVOS SUPLEMENTARES:

1. Dia da semana;
2. Data;
3. Calendário perpétuo, indicação dos meses e anos bissextos;
4. Milésimo ou número do ano (para cem anos, com dez discos diferentes);
5. Fases e idade da lua;
6. Estações do ano, solstícios, equinócios;
7. Equação do tempo;
8. Ponteiro de cronógrafo, com retorno a zero;
9. Contador de minutos, instantâneo com retorno a zero;
10. Contador de horas, progressivo com retorno a zero;
11. Reserva de marcha/armação da mola real (corda);
12. “*Grande sonnerie*” à passagem, “*petite sonnerie*”, silêncio ;
13. Repetição de horas, quartos e minutos, com rodagem silenciosa, sobre 3 timbres, modo carrilhão;
14. Estado do céu no hemisfério boreal, em tempo sideral (3min 56s/dia), com 1 céu e 1 horizonte para Paris com 236 estrelas + 1 céu e 1 horizonte para Lisboa com 560 estrelas;
15. Estado do céu no hemisfério austral (mecanismo substituível, que inverte o sentido de rotação do céu para oeste – este) com 1 céu e 1 horizonte para o Rio de Janeiro com 611 estrelas;
16. Hora em 125 cidades do mundo;
17. Hora do nascer do Sol em Lisboa;
18. Hora do pôr do Sol em Lisboa;
19. Termómetro metálico centígrado;
20. Higrómetro de cabelo;
21. Barómetro;
22. Altímetro, até 5000 metros;
23. Sistema de registo/raqueta, regulável do exterior;
24. Bússola (na coroa).

Tudo isto alojado numa caixa de 71mm de diâmetro, feita de 228g de ouro amarelo de 18K ornamentado com pérolas finas, rubis e safiras.



Vista do verso, tampa aberta.

A inédita decoração da caixa idealizada por Carvalho Monteiro e desenhada pelo seu amigo Luigi Manini, que também já lhe traçara o Palácio da Regaleira, num estilo e simbolismo idealizado por ambos, foi cinzelada em Paris por Burdin, um dos mais renomados cinzeladores franceses da época. No entanto, discrepâncias de interpretação e entendimento artístico entre Manini e Burdin, levaram a que o adereço de ourivesaria levasse quase 4 anos para ficar pronto.

Na verdade, a decoração era tão inédita como difícil de executar: as calotes de ouro tinham relevos que variavam entre os 0,5mm de espessura mínima até aos 3,5mm de máxima. A profusão de elementos simbólicos e figurativos era enorme, no estilo neomanuelino preferido de Carvalho Monteiro, pejado de referências patrióticas, do escudo nacional à cruz de Cristo, às 3 divindades da mitologia greco-romana e do Tempo/Morte na tampa posterior, até aos 12 símbolos do Zodíaco no aro frontal.

Esta maravilha da relojoaria, que já ganhara o Grande Prémio da Exposição Universal de Paris em 1900, com uma caixa provisória, e custara a Carvalho Monteiro a fortuna de 20 mil francos franceses de ouro, só lhe seria entregue em 1904, tendo como portador o próprio Rei D. Carlos, que o chamou ao Palácio das Necessidades para lhe fazer a entrega e dar os parabéns pela aquisição desta peça única no mundo, que tanto valorizava o património da nação.



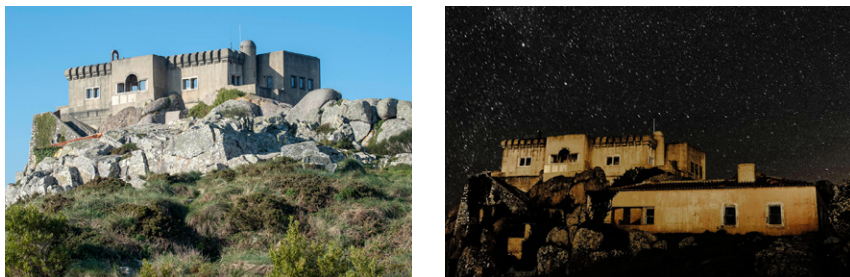
Vista da frente e caixa. | Vista completa do verso aberto.

Mas, nem os mais ricos e dotados se podem da lei da morte libertar: Carvalho Monteiro viria a falecer em 1920, na sua querida Sintra, cuja serra inteira quisera comprar.



Estojo original com o relógio e acessórios. | Carvalho Monteiro, ancião.

Não chegou sequer a habitar o Palacete da Peninha, que mandou construir e onde sonhara acabar os seus dias, rodeado daquela paz e beleza quase míticas.



Vistas diurna e noturna do Palacete do Santuário da Peninha.

Após as peripécias da herança, em 1955 este relógio único foi vendido por 2 milhões de francos franceses, reunidos por subscrição nacional, para o Museu do Tempo em Besançon, onde é cabeça de cartaz da coleção. Esse símbolo excelso da mais fina mecânica, produzido ainda sem recurso ao computador, ao CAD-CAM, à eletroerosão, etc., sendo designado por alguns mais chauvinistas como “**relógio de Besançon**”, é hoje aí cognominado “Lucie” em homenagem a Lucie Cornillot, conservadora do citado museu, que congregou vontades e apoios, movendo Céus e Terra, até conseguir a almejada aquisição.

Depois disso, o Leroy 01 só voltaria a Portugal uma vez: em Novembro de 1967, para a “Jornada do Relógio Francês” realizada no Hotel Ritz, onde foi justamente apresentado como “**o relógio mais complicado do mundo**”; título que só viria a perder em 1989 para o “Calibre 89” da Patek Philippe.

Neste domínio tão restrito das “ultracomplicações” históricas, é ainda de relevar que do célebre “Marie Antoinette” (Breguet 160) existe uma réplica moderna não absolutamente fidedigna (Breguet 1160) concluída em 2007 com recurso às mais modernas tecnologias de produção, que do Patek Philippe “Calibre 89” existem 4 exemplares diferenciados pelas caixas em ouro amarelo, ouro rosa, ouro branco e platina, enquanto que do Leroy 01 só existe o exemplar original e, de todos eles, é o único verdadeiramente *manufaturado*.

— *Américo Henriques*

NOTAS DO AUTOR

1. Entre os Séc. XVII e XIX coexistiram em França diferentes famílias de relojoeiros de apelido Roy, Le Roy ou Leroy, sem quaisquer ligações ou afinidades. Por exemplo, os grandes Julien (pai: 1686-1759) e Pierre (filho primogénito: 1717-1785) também Le Roy ou Leroy e também “relojoeiros do rei”, são de outra linhagem, completamente distinta. Aliás, este Pierre Leroy, justamente considerado o maior cronometrista francês de sempre, morreu sem deixar descendência. Ver: TARDY, Dictionnaire des Horlogers Français, pp. 394-410.
2. A casa Leroy, aqui em questão, sediada em Paris, só instalou uma oficina em Besançon em 1888.
3. “Vaudois”, natural do Cantão de Vaud, onde se situa a Vallée de Joux.

BIBLIOGRAFIA DE IMAGENS

(por ordem de apresentação)

<https://www.mdt.besancon.fr/retour-de-la-leroy-01/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Quinta_da_Regaleira

<https://alchetron.com/Ant%C3%B3nio-Augusto-Carvalho-Monteiro>

<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/06/relogio-l-leroy-01.html>

<https://www.hautehorlogerie.org/en/watches-and-culture/encyclopaedia/watchmaking-museums/s/musee-du-temps-de-besancon/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio_Augusto_de_Carvalho_Monteiro

<https://andarilho.pt/2020/10/01/surf-a-paisagem-no-santuario-da-peninha-em-sintra/>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Capela_de_Nossa_Senhora_da_Penha_\(Colares\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Capela_de_Nossa_Senhora_da_Penha_(Colares))



INSTITUTO PORTUGUES DE RELOJOARIA.PT